

**Título do artigo: As intervenções didáticas no processo
de alfabetização inicial**

Disciplina: Alfabetização

Selecionador: Beatriz Gouveia¹

Categoria: Professor

¹ Coordenadora de projetos do Instituto Avisa Lá, professora da pós-graduação em alfabetização do ISE Vera Cruz e assessora em educação.

As intervenções didáticas no processo de alfabetização inicial

A publicação da *Psicogênese da Língua Escrita* de Emilia Ferreiro e Ana Teberosky foi um marco revolucionário no campo da Alfabetização, pois trouxe uma mudança paradigmática em relação ao processo de aprendizagem da língua escrita e, também, em relação à forma de conceber a escrita. O aluno é entendido como um sujeito intelectualmente ativo, que formula hipóteses na busca de compreender o que a escrita representa e como um sujeito que aprende por meio de suas ações sobre os objetos do mundo. E a escrita como um sistema de representação, como um conteúdo de natureza conceitual, que para ser compreendido exige análise e reflexão sobre seu funcionamento e suas regras de geração. As autoras revelam um sujeito potente para aprender, para criar hipóteses e ativo na busca de compreender o que a língua escrita representa.

Entender como os alunos aprendem e, reconceitualizar o objeto de conhecimento (a língua escrita) foi um passo fundamental para a criança assumir o lugar de protagonista no processo de aprendizagem. O outro passo foi compreender o papel dos professores neste novo cenário da Alfabetização, ou seja, o que cabe ao professor se a criança é quem constrói o conhecimento sobre a língua escrita? Entender que o professor não é um mero observador ou espectador do processo de aprendizagem das crianças foi estruturante para novas reflexões didáticas. Por intermédio do professor é que a língua escrita torna-se um objeto de conhecimento e o desafio é planejar situações didáticas que coloquem a língua na sua função comunicativa e que as crianças possam atribuir mais sentido às tarefas propostas.

De acordo com LERNER (2002, p.105) o conhecimento didático da Alfabetização é o resultado do estudo sistemático das interações produzidas entre o professor, o aluno e o objeto de conhecimento; é produto da análise das relações entre o ensino e a aprendizagem de cada conteúdo específico; é elaborado através da investigação rigorosa do funcionamento das situações didáticas.

Hoje sabemos que para contribuímos para uma melhor qualidade na aprendizagem das crianças é importante nos debruçarmos sobre as interações

produzidas entre o professor, o aluno e o objeto de conhecimento. Isto é, por um lado conhecermos o processo de aprendizagem dos alunos sobre a língua escrita, por outro conhecermos a língua escrita e as práticas sociais de leitura e escrita e por fim, precisamos conhecer e compreender, cada vez mais, as melhores condições didáticas que incidem na aprendizagem dos alunos.

Uma das grandes contribuições da última década foram as publicações dos resultados de investigações didáticas na área da Alfabetização. As análises e teorizações sobre as interações produzidas entre o professor, o aluno e o objeto de conhecimento em diferentes situações de ensino resultaram no conhecimento de novas condições didáticas. Isto é, as investigações didáticas foram tornando observáveis as articulações entre o modo de ser do aprendiz, as estruturas epistemológicas das linguagens e as ações docentes necessárias para promover boas situações de reflexão e aprendizagem das crianças. Estas ações aparecem, por exemplo, na seleção de materiais ao planejar as atividades, nas consignas, na forma de agrupar as crianças, nas perguntas propostas durante as atividades, na decisão de coletivizar uma dúvida de um aluno, na decisão de informar ou de se calar, na forma de organizar o tempo didático. Lerner (2002, p.43) ressalta:

É necessário realizar investigações didáticas que permitam estudar e validar as situações de aprendizagem que propomos, aperfeiçoar as intervenções de ensino, apresentar problemas novos que só se fazem presentes na sala de aula.

Para a escola orientar situações de ensino cada vez mais eficientes para a qualidade da aprendizagem das crianças, é necessário refletir sobre as condições que melhor possibilitam a assimilação e coordenação progressiva de informações que levam à obtenção de significado. De acordo com Molinari (2000), nestas situações, o professor intervém claramente com a intenção de favorecer o processo de coordenação de informações entre aquilo que as crianças sabem, os dados fornecidos pelo texto e aquelas informações proporcionadas pelo contexto no qual ele está inserido.

A seguir, destacaremos a importância do planejamento e algumas intervenções docentes.

Planejamento

O planejamento é uma prática profissional da escrita, é um ato contínuo da profissão docente. Ao planejar declaramos as nossas intencionalidades e antecipamos as melhores condições didáticas, incluindo todas as possibilidades de intervenção. Isto é, ao planejar antecipamos as possibilidades de agrupamentos, os materiais oferecidos, as consignas, os problemas ou perguntas que podem ser propostos durante a atividade e as formas de socialização dos resultados. Em resumo, o professor tem a chance de antecipar o que ele quer ensinar, o que os alunos podem aprender e como ele vai fazer para ensinar e o aluno aprender.

É no planejamento que o professor avalia o apoio que deve oferecer para seu grupo. Para tanto, é fundamental conhecer os saberes de seus alunos para ajustar os desafios às necessidades de aprendizagem de cada um e para oferecer o melhor apoio para que avancem na compreensão do conhecimento. Sabemos que a diversidade de saberes é um imperativo de uma sala de aula e, por isso, as intervenções são planejadas para atender aos diferentes momentos da aprendizagem. As crianças que iniciam o ano com mais informações e mais conhecimento sobre determinado objeto ou prática também precisam avançar.

Um dos primeiros desafios no planejamento é assegurar que as propostas didáticas estejam articuladas às práticas sociais e comunicativas da língua para que os alunos sejam, cada vez mais e com maior competência, praticantes da cultura escrita. Esse desafio implica, muitas vezes, em uma redefinição do conteúdo, pois se queremos formar usuários da leitura e da escrita, precisamos ensinar as práticas de leitura e escrita.

Para organizar as práticas de leitura e escrita no tempo didático consideramos as diferentes modalidades organizativas. Segundo Lerner (2002, p.87), trata-se de uma reflexão qualitativa do uso do tempo didático:

Quando se opta por apresentar os objetos de estudo em toda sua complexidade e por reconhecer que a aprendizagem progride através de sucessivas reorganizações do conhecimento, o problema da

distribuição do tempo deixa de ser simplesmente quantitativo: não se trata somente de aumentar o tempo ou de reduzir os conteúdos, trata-se de produzir uma mudança qualitativa na utilização do tempo didático. Para concretizar essa mudança, parece necessário – além de se atrever a romper com a correspondência linear entre parcelas de conhecimento e parcelas de tempo – cumprir, pelo menos, com duas condições: manejar com flexibilidade a duração das situações didáticas e tornar possível a retomada dos próprios conteúdos em diferentes oportunidades e a partir de perspectivas diversas. Criar essas condições requer pôr em ação diferentes modalidades organizativas: projetos, atividades habituais, sequências de situações e atividades independentes coexistem e se articulam ao longo do ano escolar.

As modalidades organizativas articulam o como ensinar com o que ensinar, ou seja, quando sabemos o que queremos ensinar buscamos a melhor forma de fazer isso. Por exemplo:

- Se pretendemos ensinar os comportamentos leitores e escritores, a melhor modalidade organizativa são os projetos que colocam a função comunicativa da língua dentro da escola;
- Se pretendemos ensinar a familiaridade com o universo dos textos, a melhor modalidade são as atividades permanentes, que propõem uma regularidade, uma constância na interação com os diferentes usos dos textos escritos;
- Se pretendemos uma análise e reflexão sobre os conteúdos da língua, as melhores modalidades são as sequências didáticas ou as atividades de sistematização dentro dos projetos/sequências.

No processo de alfabetização inicial os professores têm o desafio de planejar atividades que integrem a reflexão sobre o sistema de escrita e as práticas mediadas pela escrita. São propostas que se opõem ao contexto em que as atividades de alfabetização são propostas de uma forma mecânica e sem sentido, o que poderia ser quase um insulto, ao considerarmos nossos alunos sujeitos intelectualmente ativos e reflexivos, além de os afastarem das práticas sociais de leitura e escrita. O outro desafio é planejar propostas que apresentem bons problemas para os alunos, de forma que tenham que acionar os seus conhecimentos disponíveis para aprender novos elementos presentes na cultura escrita.

O projeto didático de leitura e escrita é uma modalidade que tem se mostrado eficiente para a contextualização das propostas de ensino, para os alunos aprenderem a escrever no contexto das práticas sociais, em que refletem sobre o uso da linguagem escrita e sobre o funcionamento do sistema de escrita.

Em resumo podemos dizer que:

- o planejamento é estruturante para garantir a intencionalidade das propostas didáticas e para o compromisso político com a aprendizagem de todo o grupo;
- o tempo didático pode ser organizado, considerando as diferentes modalidades que melhor atendem aos objetivos de aprendizagem e a melhor articulação do **o que ensinar** com o **como ensinar**.

O resultado da aprendizagem das crianças não é produto de uma ação espontânea, mas das condições didáticas do trabalho nas salas de aula. Neste sentido, as intervenções dos professores são decisivas para possibilitar uma melhor aprendizagem dos alunos. Vejamos a seguir algumas destas intervenções.

Intervenções didáticas

Agrupamentos – agrupar os alunos é uma ação intencional e criteriosamente planejada pelo professor, considerando, principalmente, o conhecimento dos alunos sobre o que se pretende ensinar e a clareza do objetivo da atividade proposta. Por exemplo, se o objetivo da professora é agrupar os alunos em duplas para criar um espaço de reflexão sobre o funcionamento do sistema de escrita, é necessário reunir os alunos com saberes próximos (e não iguais), para que se possa criar um espaço real de cooperação no processo da escrita. Nesta situação, agrupar alunos com saberes muito distantes, como um aluno com escrita pré-silábica e um aluno com escrita alfabética, torna-se improdutivo, pois as necessidades de aprendizagem e de reflexão sobre o funcionamento do sistema de escrita são muito diferentes. Isso não quer dizer que, em outras propostas, com outros objetivos, alunos com escritas pré-silábicas e alunos com escritas alfabéticas não possam ser agrupados. O intercâmbio entre os alunos, em diferentes agrupamentos, contribui para criar zonas de desenvolvimento proximal, isto é, um aluno pode potencializar um conhecimento do outro que está em

formação. Outra vantagem dos agrupamentos é a necessidade, muitas vezes colocada pela atividade, de um colega justificar as escolhas feitas para o outro. Isto é, se for uma escrita em dupla, e o combinado for de cada um colocar uma letra e dizer o que escreveu, eles precisam sustentar suas escolhas e, muitas vezes, justificar e argumentar diante da confrontação do outro.

Intervenções na ação – durante as propostas, o professor faz intervenções para promover novos campos de reflexão sobre a leitura e a escrita. Estas intervenções também são planejadas, considerando os saberes de seus alunos, a natureza da proposta, e o que precisam para avançar. Destacarei aqui uma das intervenções mais importantes, dentre outras, quando se trata do processo de reflexão sobre a escrita, é pedir para os alunos lerem o que escreveram, isto é, que interpretem seus escritos. Há um primeiro espaço de reflexão quando as crianças escrevem, pois elas decidem as letras que precisam, quantas precisam e a ordem em que devem colocá-las. O outro espaço de reflexão é quando interpretam o que escreveram, justificando para si e para o outro as escolhas feitas. Neste segundo momento, observamos avanços importantes na aprendizagem das crianças, pois elas estão diante de um problema e se esforçam para buscar uma solução, acionando tudo o que sabem.

Discussão coletiva – depois das escritas individuais, em duplas ou outros agrupamentos, o professor pode levar algum aspecto/conteúdo relacionado à situação de leitura ou escrita para colocar no centro da discussão coletiva. A ideia é potencializar a reflexão dos alunos e fazer circular o maior número de informações estruturantes para subsidiar novas reflexões. Por exemplo, discutir escritas da mesma palavra produzidas por diferentes alunos, pedir para explicarem suas escolhas, perguntar quais são as fontes de informação disponíveis na sala que podem ajudar a pensar nas escritas, entre outros.

O objetivo desta intervenção não é validar o saber de um aluno, mas, propor uma situação para que todos se sintam convocados a participar e, principalmente, reconheçam a própria potência para contribuir, dar sugestões, compartilhar seus

saberes e aprender com o grupo. É mais um espaço didático para propor problemas, promover discussões e orientar o uso de boas fontes de informação.

Referências bibliográficas:

- MOLINARI, C. A intervenção do professor na alfabetização inicial. In: MIRTA, C.; MOLINARI, C.; SIRO, A. **Enseñar y aprender a leer : jardín de infantes y primer ciclo de la educación básica**. Buenos Aires: Novedades Educativas, 2000.
- LERNER, D. **Ler e escrever na escola: o real, o possível e o necessário**. Porto Alegre: Artmed, 2002.